

A EXPERIÊNCIA DA ENFERMAGEM DURANTE A PANDEMIA

**Autora: Steffanie Costa Sant'Ana, Enfermeira Assistencial, UPA
Guajuviras, steffanie.c.santana@gmail.com**

A pandemia estende-se pelos dias atuais e continuamos com o sentimento de medo e incerteza. Adequamo-nos, como possível, a esse conturbado cenário.

No decorrer do mês de março de 2021, vivenciei situações e tive sentimentos que jamais experimentei em 10 anos atuando como enfermeira na área da saúde, a maior parte na área da emergência. Dos pacientes que procuravam atendimento na unidade, 95% necessitavam de suporte de oxigênio em máscara de Hudson. Era mais um dia tumultuado na unidade. Estávamos com três pacientes intubados em sala vermelha e cerca de doze pacientes internados na sala amarela, praticamente todos em uso de máscara de Hudson a quinze litros. Tivemos duas paradas cardio respiratórias ao mesmo tempo. Menos de quinze minutos antes uma das pacientes estava sentada na cama observando o fluxo da sala amarela e conversando com um técnico de enfermagem. Estávamos com equipe reduzida, devido aos afastamentos de colegas por coronavírus. A evolução do quadro clínico das pacientes foi muito rápida e pegou toda equipe de surpresa, desde o médico até os técnicos de enfermagem. Com sala vermelha lotada, os atendimentos foram feitos às pressas em sala amarela, na frente de todos os pacientes que estavam ali internados. Prestamos atendimento às duas intercorrências ao mesmo tempo, sem sucesso. Tivemos dois óbitos praticamente juntos. Ficamos com a equipe muito abalada emocionalmente. Os pacientes que ali estavam internados, ficaram muito assustados e com medo de morrer. Alguns também tiveram piora da disfunção respiratória. Chegamos a ter mais de quarenta pacientes internados na unidade e também muitos pacientes graves necessitando entubação e ventilação mecânica. Por falta de ventiladores, mantínhamos os pacientes em sala amarela com esforço respiratório e baixa saturação em máscara de Hudson aguardando leito para sala vermelha. Devido à grande demanda, não tínhamos mais parede de oxigênio disponíveis e começamos a

trazer os torpedos de oxigênio para dentro da unidade. O torpedo quando colocado diretamente no paciente possui uma durabilidade menor, precisando ser trocado com maior frequência. Trazíamos os torpedos de oxigênio rolando pelos corredores, os profissionais de outros setores se mobilizavam para ajudar, pois a demanda era muita e acabava dificultando a assistência do paciente. Diversas vezes me senti vulnerável à doença, e tive medo de contaminar familiares, pois éramos a linha de frente para atender os pacientes. Em tanto tempo de profissão, nunca me senti tão abalada psicologicamente e também fisicamente. Muitos dias eu não tive vontade de vir trabalhar, porém, durante a graduação eu fiz o juramento de salvar vidas.

Assim sendo, fica meu agradecimento especial aos colegas profissionais da saúde que sempre deram o seu melhor em todas as situações. Esperamos, logo, que o medo não seja mais nosso companheiro diário e que nunca mais passemos, novamente, por tudo que passamos.